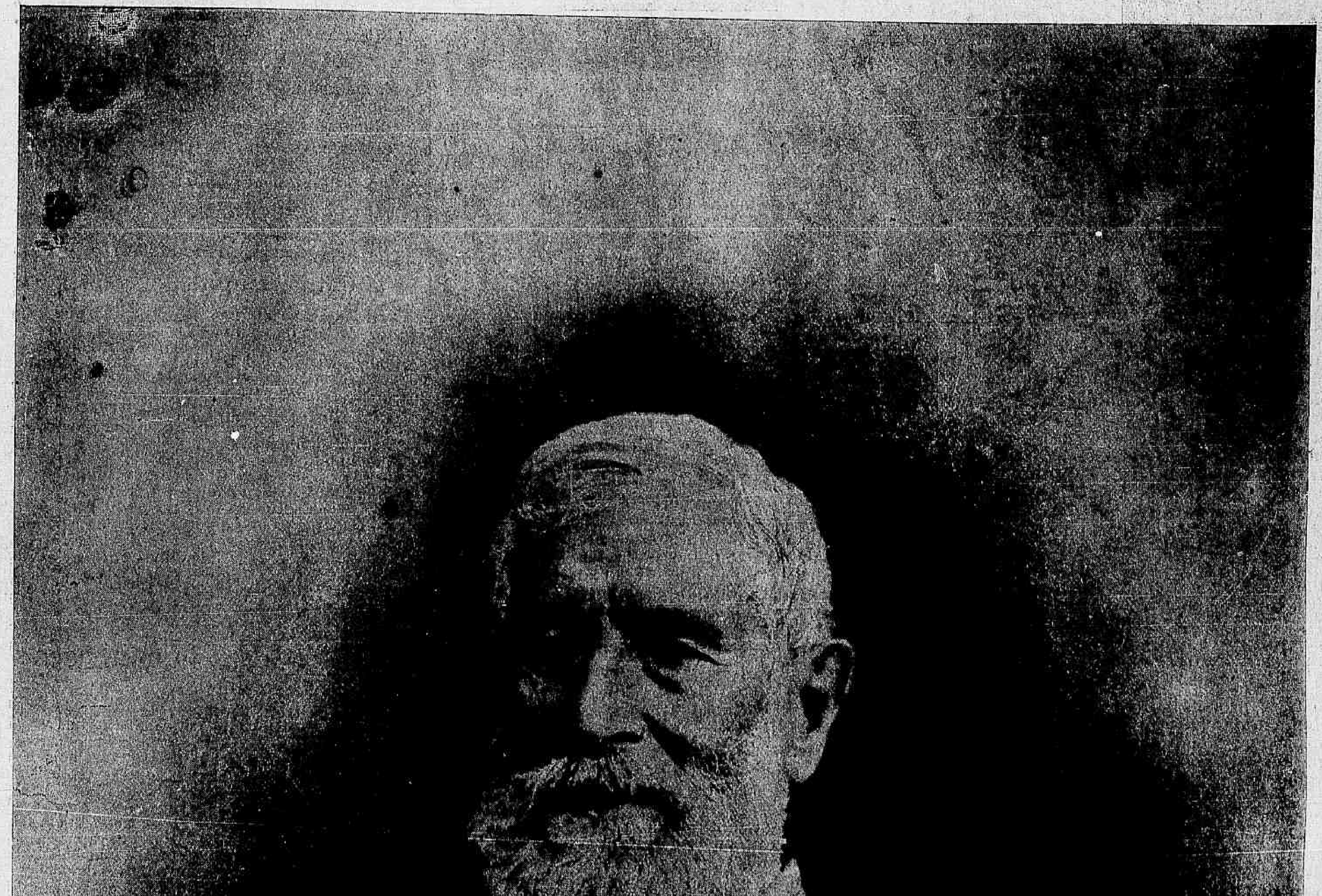
Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Anno I. — N. 5 DOMINGO, 17 DE JUNHO *Numero: 300 réis*



O Almirante Barroso — Um dos heróes da batalha de Riachuelo, cuja commemoração teve logar a 11 de Junho.

(Retrato communicado pelos Srs. Bastos & Dias.)

Betinho

Bertha Horta de Araujo

Henrique Robinson

Marianna Robinson

Agostinho

CORREIO DA SEMANA

Rio, 16 DE JUNHO.

Dos Santos de Junho, já o mais amado, o mais procurado de moças e de velhas, vio festejado o seu dia.

Com os bojos inchados e fulgurantes, ás guinadas, rodando ao sabor do vento, os balões subiram serenamente ao céo, e foram brilhar lá em cima, astros ephemeros, ingenua homenagem da terra ao ingenuo Protector das velhas achacadas de rheuma e das meninas anciosas por marido. Emquanto isso, as cartas de bichas estrugiam, os foguetes cortavam o ar, chiavam as rodinhas desmanchando-se em chuvas de ouro e de prata, e os pistolões metralhavam a noite a golpes de rubis e esmeraldas.

Ora bem! E' preciso que a população se convença de que toda essa alegria ainda não é bastante! Eu quizera que cada fachada de casa carioca se abrazasse em clarões de apotheose, ao reverberar dos fogos de Bengala, ao estrondar das bombas festivas, á grazinada jovial das crianças; quizera ainda que toda a gente sahisse á rua, a gente velha com as suas mazellas, a gente moça com a sua saude, — e que todas as noites se dançasse por ahi ao ar livre; quizera, emfim, que esta macambuzia, esta cacochyma, esta embezerrada urbs de Mem de Sá se convertesse numa vasta e barulhenta kermesse! Para que? Para dar cabo da peste...

•

Não riaes, irmãos! não cuideis que este novo distribuidor do *Correio da Semana* seja um desertor do Hospicio de Alienados.

O que ahi em cima ficou escripto é um paradoxo. Mas, que é um paradoxo, senão um utero dentro do qual se desenvolve e palpita o germen de uma clara verdade?

« Não ha mal que não entre em casa triste... » diz o rifão. Ha casas que chamam as calamidades: são essas casas sempre fechadas, sempre escuras, sem o sorriso de uma flor na sala, sem o fulgor de uma cabeça de mulher bonita na janella, sem o palrar de uma criança no jardim; — são essas casas que o silencio amortalha, e em cujas fachadas sinistras parece continuamente escorrer um pranto miudinho e aborrecido como uma chuva de inverno. Quando a Desgraça, no seu passo errante, encontra uma d'essas moradas da Sôrnice, — pára, e começa a namoral-a. E reflecte: « Que bom leito para o meu corpo! que boa terra para a minha semeadura de lagrimas! » E, sem mais hesitar, *truz! truz!*

Quem te mandou, casa triste chamar a Desgraça com a tua tristeza?

•

Convencei-vos, irmãos! Se quereis livrar-vos da peste, não vos arruineis em kresolinas, nem em sublimados, nem em chloruretos, nem em phenóes: arruinae-vos em bichas, em pistolões, em musicatas, em fandangos, em pagodes.

Este luxo de desinfecções faz lembrar o dos sujeitos pouco asseiados, que não mudando a camisa da vespera, inundam-na de agua de colonia: fica aquillo uma mistura de perfume e máo cheiro, capaz de dar nauseas ao estomago de um avestruz...

•

Quando a Peste se convencer de que isto é a Capital do Rio, ha de engatar as correias das malas, e, mandando tocar a reunir, partirá com todos os seus microbios para terra mais grata á sua natureza de besta triste.

E que não parta! Ao menos, teremos o prazer de rir d'Ella, e do mal que nos faz, e consolar-nos hemos, piparoteando-lhe o nariz amarello, e tamborilando-lhe o ventre encovado, a pancadinhas bregeiras.

Felizmente, já Santo Antonio nos trouxe um pouco de beneficio. E não só em bichas e em balões: nunca nenhum outro Santo do céo, e nunca nenhum outro homem da terra, seriam capazes de fazer em prol da regeneração dos costumes o que fez, inspirado por Santo Antonio, o Sr. Prefeito Municipal, decretando o casamento obrigatorio para um certo numero de funccionarios.

As estatisticas dizem e provam que, ha bastante tempo, a média dos casamentos vai horrorosa e deploravelmente baixando no Rio de Janeiro. Por que? porque a vida encarece, porque a desconfiança augmenta, — e porque ha cada vez menos gente disposta a procurar sarna para se coçar. O decreto da Prefeitura vem pôr côbro a essa pouca vergonha. Apenas...

•

Apenas, esqueceu-se a Prefeitura de augmentar os ordenados dos miseros mortaes, a cujo peito poz a faca do decreto, com este brado terrivel: « casa-te... ou demitte-te! »

E, demais, como a Prefeitura não paga ha muito tempo o que deve aos seus empregados, — onde irão esses pobres diabos arranjar raparigas que os queiram para maridos?

Ser empregado municipal já é, para um cidadão pacato, a peior das recommendações: para lhe alugar uma casa, exige-lhe o proprietario trinta e duas cartas de fiança; para lhe fiar duas libras de carne, exige-lhe o açougueiro o deposito de duas libras... de ouro, — e, quando uma menina tem a suprema desventura de se deixar embellecar pela face cavada e faminta de um d'esses párias, toda a familia põe luto, e ha na casa chôro e ranger de dentes, e a noiva lacrimosa marcha para a igreja com a mesma angustia com que uma rez marcha para o matadouro...

•

Emfim, Santo Antonio providenciará: é o seu officio.

E, emquanto a Prefeitura não obriga todo o mundo a pôr o pescoço sob a carga do matrimonio, e emquanto a peste não nos offerece o seu annel esponsalicio, — cantemos e dansemos, irmãos, e saltemos as fogueiras, que já se estão accendendo, do alegre e bulhento João!

FLAMINIO.

ROSALINA

Um premio a subscriptores

Noticiámos no numero anterior que publicariamos aqui o retrato de todas as crianças que, com a contribuição de 2$000, nos enviassem as suas photographias. A abundancia das que temos recebido é tamanha que a deficiencia de espaço nos inhibe de, num só numero, dar todas. Quantas já recebemos ou viermos ainda a receber serão, entretanto, estampadas.

Desde já, porém, vai a seguir uma nota dos primeiros subscriptores:

Henrique Robinson, Marianna Robinson, Teivelinda Guapindaya, Teivelino Guapindaya, Aguinaldo, Sylvio e Violeta Leal (*), Sylvia de Oliveira, Altair de Queiroz, Josephina de Carvalho, Cesar Augusto de Mello e Cunha, Marcolina Candida da Cunha, Leonor Cesar de Amorim, Bertha Horta de Araujo, Zelia Horta de Araujo, Agostinho e Betinho (**), Clarinha Silveira, Dulce e Noemia Teixeira da Silva (***), José Arthur de Teffé (****), Dulce, Stella, Zaira, Alice e Yayá, Candida Costa, Baby e Hilda, Odette Santos.

Os odores fluminenses

Voltou a peste, estamos numa prèamar de hygiene; aproveitemos o momento para fallar de um assumpto que diz de perto com o caso; aproveitemos a monção; d'aqui a tres mezes ninguem cogitará mais d'essas cousas; cesse a epidemia ou fique a peste entre nós, a opportunidade terá passado.

O Rio de Janeiro é uma cidade da qual se póde dizer, sem nenhuma injustiça, que *cheira mal*, não em sentido figurado, mas litteralmente, em toda a accepção do termo. Uma fedentina nauseabunda, um bafio tenaz e penetrante pesa continuamente sobre esta cidade, a tal ponto, que já nos embotou, quasi, o olfato. E' á noite, nas horas em que a calma da atmosphera e das ruas nos permitte reparar nisto, que podemos avaliar quanto é fetido e desagradavel o halito d'esta babylonia. No verão então, quando o calor nos arrasta para a rua, em busca de um pouco de viração, somos victimas d'essas brisas mal cheirosas. De pouco nos servem os nossos valles e campinas plantados numa primavera eterna, a natureza negou-nos os perfumes correspondentes: os olores tenues e fugaces dos nossos jarmins são vencidos e supplantados pelo trescalar das nossas immundices.

Segundo a opinião geral, isto é devido ao systema de esgotos, ou, mais propriamente ao estado em que se acham os nossos esgotos.

Póde ser que a empreza exploradora d'esse serviço não concorde com esse parecer, mas, o facto é que esse ponto constitue um dos raros, rarissimos assumptos em que a nossa sciencia não se desdiz nem levanta controversias — e, uma vez não faz costume, tudo indica que ella tem razão. Basta ponderar nos kilometros e kilometros de esgotos que se entrecruzam sob os nossos pés, escoando, num flux continuo, os residuos de oitocentos mil estomagos... e ajuntemos a esses, todos os outros residuos que para alli são levados.

Isto tudo pouco importaria, se essas podridões corressem por um systema de encanamentos perfeitamente, absolutamente fechados e estanques. Mas a cousa está muito longe de ser assim, como quer a boa hygiene, como succede nas grandes cidades... dos paizes onde não ha questão de cambio. Porque, informa-me um amigo, sabido nesses assumptos: foi o cambio quem reduzio os nossos esgotos a esse estado de imperfeição. Não consegui comprehender bem a explicação, mas aceito-a como boa, e lembro-me agora que, em tempo, os jornaes discutiram muito essa questão, e a discussão tinha, toda ella, um caracter muito financeiro.

Não direi que essa seja a unica fonte dos máos odores fluminenses; outras causas existem certamente; mas, nessa symphonia de fedores, a primazia cabe aos esgotos. O caracter distinctivo do que por alli passa é cheirar mal; nada mais natural, dada a origem e a natureza das variadas immundices que alli vão ter, e das

(*) A contriduição dos dois foi de 5$000.
(**) A contribuição dos dois foi de 10$000.
(***) Contribuiram com 30$000.
(****) Contribuiu com 10$000.

A "troupe" do Sant'Anna

outras que alli se formam, desde o *acido sulfridrico* — cuja fedorentina é classica — até o *scatol*do qual o proprio nome é repugnante.

E isto tudo, que devera correr por dentro de canos completamente impermeaveis, fartamente irrigados, enterrados em solo firme, isolados do am-biente por um calçamento estanque, escôa-se atravez de tubos e galerias que tambem transudam pelas paredes como vasam pelas juntas, e por ahi se escapam todas essas cousas maravilhosamente fetidas e infecciosas, transformando o nosso solo num laboratorio de microbios e a nossa athmosphera num halito de sentina.

Allega-se ainda que a agua destinada á lavagem dos esgotos é insufficiente. Acredito; mas, abundante, muito abundante que ella fosse, pouco adiantaria para o nosso caso; a immundice caminharia mais depressa, mas continuaria a derramar-se para fóra dos encanamentos e as exalações más continuariam a soprar pelas nossas narinas, avisando-nos dos perigos a que estamos expostos, perigos que se aggravam de dia para dia, porque de dia para dia vai crescendo a sobrecarga de contaminações. E todos esses avisos são despresados, e só num momento como esse é que as attenções se voltam para taes assumptos.

Dizem que a Inglaterra é um paiz modelo em materia de hygiene e que alli essas questões são cuidadosamente estudadas e attendidas. Pois bem, alli não ha uma só das grandes cidades que se não queixe dos odores infectos exhalados pelos esgotos. Por isso, em toda a parte construiram-se chaminés immensas para *tiragem* e aereação do sub-solo, chaminés destinadas a levar para bem alto as emanações gazosas dos encanamentos. Mas o remedio não logrou obviar todo o mal e os hygienistas buscaram logo outro. Desde 1895 que se adoptou em Ipswich e em Lytham o systema Hermitte — agua do mar electrolysada — para a lavagem dos esgotos, em substituição á agua commum. Assim, as immundices vão-se esterilisando e desodorisando á proporção que se vão dissolvendo e só circulam nos encanamentos depois de perderem toda a nocuidade e máo cheiro.

E é este o unico meio seguro de evitar as exalações fetidas: evitando que ellas se produzam no interior da rede de esgotos. Tudo mais é falho: syphões aperfeiçoados, tubos de aereação, descargas automaticas, etc.; nada consegue calar o halito dos encanamentos, nada permitte suffocal-o.

Sendo assim, saneemos essa terrivel respiração, purifiquemol-a, e, para obter-se tal resultado o melhor processo parece ser o processo Hermitte. Pelo menos não conheço nenhum mais efficaz nem mais barato; tão barato que poderia ser adoptado até por nós.

Com isto não cessariam de todo os máos odores d'esta cidade. Outras causas existem, outras fontes, outros focos de fermentações mephiticas, mas não seria difficil, talvez, eliminal-as.

Um bom calçamento valeria muito. O solo d'esta cidade é o solo mais poluido e apodrecido que se póde imaginar: a canalisação das aguas pluviaes muito mal feita, as ruas eternamente sujas e o calçamento roto, esburacado e nullo quasi; succede d'ahi que as aguas, carregadas de todas as immundices das ruas e quintaes, escoam-se mal, accumulam-se nos pontos baixos e embebem-se no terreno, formando verdadeiros paúes. Vem o sol e tudo aquillo fermenta e semeia-se a atmosphera de muito microbio, assim diz a sciencia, e de muito cheiro antipathico, dizemos nós.

Por sua vez, a nossa *formosa Guanabara* concorre tambem nesse concerto de odores. Em verdade, ella não é a culpada; mas, carregam-na de tanta porcaria! Tudo que a *City Improvements* recolhe é alli despejado! E ella não tem outro recurso senão casar á sua salsagem e ás suas brisas iodadas, toda a escala de perfumes gerados nas galerias dos esgotos.

E juntemos a isto a fermentação especial das *hortas bem estrumadas*, e das cocheiras, e dos estabulos de vaccas, e as cozinhas dos *freges*, e os botequins, tavernas, quitandas e vendas, e os residuos das fabricas de sabão, velas e outras industrias mais ou menos cebaceas e teremos ahi os laboratorios onde se geram os máos odores fluminenses, esses que podem ser mais facilmente eliminados.

Retirados esses, ainda outros ficariam: os odores typicos, locaes, póde-se assim dizer: odores que variam d'uma zona para outra, até, numa mesma zona, de uma hora para outra.

Seriam assumpto para um estudo especial, esses varios odores locaes.

Analysal-os, classifical-os, estabelecer-lhes as origens, determinar as suas relações com os outros factos da nossa vida em geral, forneceria motivo para um interessante capitulo. Quem poderá negar a influencia psychologica d'aquelle bafio morno de casca de café, que se sente ao atravessar a rua Municipal, ou d'aquelle perfume resinoso que nos banha ao cortarmos por entre aquellas tres ou quatro serrarias do Boqueirão?

Muito nos ensinaria quem nos desse a interpretação exacta de todos esses olores typicos e locaes. Coelho Netto escreveu uma bella pagina sobre as variantes aromaticas da rua do Ouvidor: «... A's quatro horas da manhã cheira a curraes e a horta, a pão quente e a artigo de fundo... A's seis, começa a vida de mercado... quartos de carne, samburás de peixe... cheira acremente a matadouro e a salsagem. Mais tarde tresanda a lixo. A's seis e meia, passam as banhistas anemicas, estremunhantes... ha um cheiro estranho de maresia, de sabonete Windor e de bocejos... A's dez, espalha-se um appetitoso aroma de acepipes, um almiscar suave de mòlhos... E vem subindo então o cheiro caracteristico, o cheiro *meridies* — mixto de fumo, de essencias e de guarda roupa, sedas novas e camphora. Começa o rumor e o cheiro mixto vai subindo... a onda vae crescendo... e com ella o cheiro caracteristico: qualquer cousa entre Guerlain e a Sapucaia... A's cinco, a onda vae desapparecendo para dar passagem ao operario... tresanda a suor e a resina... Ha ainda um cheiro leve... é das flòres... ao crepusculo, a rua do Ouvidor se perfuma... A' noite cheira a comida... á meia noite, cheira a poeira».

Não é completa e perfeita essa imagem da rua do Ouvidor reduzida a pura notação dos seus aromas?...

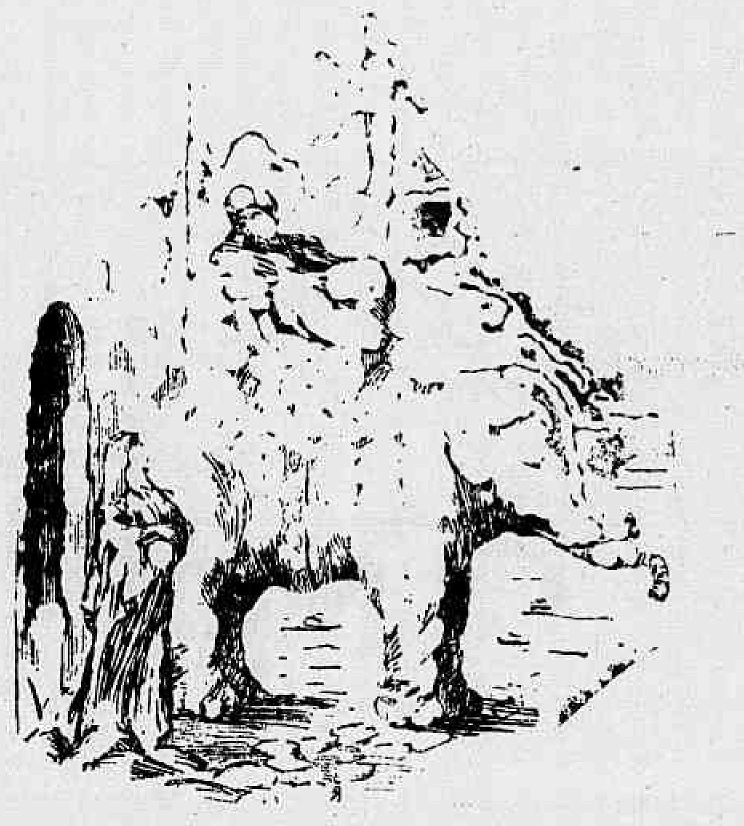
Ha umas tantas relações occultas entre as nossas impressões sensoriaes e o mundo do espirito. Teriamos de estudal-as para fazer a psychologia dos perfumes, para dizer porque razão o insenso é o odor dos mysticos e o ambar o dos apaixonados; porque razão a violeta evoca a lembrança dos amores defunctos, o sandalo entontece, a hovenia exalta, o aloes reconforta, o nardo prostra e o almiscar fustiga...

DR. F.

SABUR

(Conto para crianças)

Era uma vez um negociante, que vivia na India. Tinha elle tres filhas, moças e bonitas. Certa occasião, no momento em que ia partir trepado no seu soberbo elephante para ir a uma região distante comprar mercadorias, chamou uma criada e mandou-a perguntar ás filhas o que desejavam elle lhes trouxesse. A criada foi. Uma das moças pediu um vestido de velludo azul; a outra uma pulseira



de brilhantes. A terceira estava lendo, quando a rapariga fez a pergunta. Distrahida, continuou a sua leitura. A criada, que a ouviu dizer claramente a palavra «*sabúr*», pensou que fosse o que ella queria e veio dizer ao amo quaes os pedidos das tres. O negociante seguiu viagem.

Seguiu, passou muito tempo fóra de casa, em outra terra, fazendo suas compras e afinal, quando nada lhe faltava, dispôz-se a voltar. Junto do elephante, no momento de partir, elle tinha o costume de recordar em voz alta tudo o que havia feito. Procedia assim, porque o animal era muito intelligente e, quando o amo se havia esquecido de qualquer cousa, recusava-se a tornar até que elle comprasse o que faltava. Por isso, o homem recapitulou o nome dos diversos objectos que tinha comprado e disse no fim: «Levo o vestido e a pulseira que minhas duas filhas mais velhas me pediram. Quanto a «sabúr» não sei o que é. Vou embora sem isso».

Trepou no elephante e tocou-o. Mas o animal não se moveu. O homem armou-se de um páo e sovou o bruto com toda força. Elle continuou immovel. Percebeu então que o elephante queria que elle levasse o tal «sabúr». Como achar, como descobrir essa cousa mysteriosa? Nisto, ia passando uma velhota. Elle perguntou:

— Minha velhinha, Você, algum dia, já ouviu fallar em «sabúr»?

— Já, sim, disse ella, é o nome do principe, filho mais moço do rei.

O negociante ficou espantado:

— Mas então, dizia elle, minha filha quer por acaso que eu lhe leve o principe de presente? Essa pequena está maluca.

A verdade, porém, é que a filha nunca tinha pensado nisso. Quando a criada foi perguntar-lhe o que desejava, ella estava lendo a noticia de uma festa na qual figurára o Principe Sabúr. Por acaso, pronunciou o nome d'elle um pouco mais alto e a rapariga cuidou que era o objecto por ella desejado.

O negociante foi para junto do elephante e disse-lhe zangado:

— Tu vês que eu não posso levar o Principe. Vamos seguir.

O animal não quiz mover-se. Irritado, sem saber o que fizesse, o negociante pensou em ir consultar o proprio filho do rei. Foi. Chegado lá, contou-lhe o que tinha succedido e pediu-lhe que o aconselhasse.

— Tua filha é bonita?

O negociante tirou um retrato que tinha no bolso e mostrou-o ao principe. Elle achou a moça formosissima. Não cabia em si de admiração. Cumulou de attenções o velho. Fêl-o sentar no seu proprio

throno e de pé com a photographia da moça, não cessava de elogial-a. O pae, cofiando as longas barbas, olhava-o satisfeito e lisongeado, esperando a sua resolução.

— Está bom, disse elle, leva-lhe este leque — e deu ao velho um leque de marfim — dize-lhe, porém, que só o abra quando estiver no seu quarto sosinha.

O homem agradeceu muito, sahiu, montou-se no elephante, que já não recusou andar, e seguiu para casa. Depois de muitos dias de viagem, quando lá chegou, chamou as tres filhas e entregou-lhes os presentes.

— Ahi está o que vocês me pediram!

— Eu, disse a mais moça, eu não pedi nada.

Contou então ao pae o que succedèra. O pae, por sua vez, referiu-lhe o que fizéra e deu-lhe o mimo com a recommendação. Cheia de curiosidade, a rapariga correu para o quarto, fechou-se e abrio então o leque. Era um leque magico. Assim que

ella acabava de fazer aquillo, appareceu-lhe de repente o Principe Sabúr. Do chão, sem que ella soubesse como, foi surgindo aquella forma humana, que se ergueu em sua presença. Ella ficou muito acanhada, mas o principe tomou-lhe a mão, beijou-a e disse-lhe que estava disposto a tomal-a para esposa.

Abriram o quarto, sahiram e contaram tudo ás pessôas de casa. O casamento ficou marcado para o dia seguinte, porque o moço queria casar-se sem o pae saber e só depois seguir para casa.

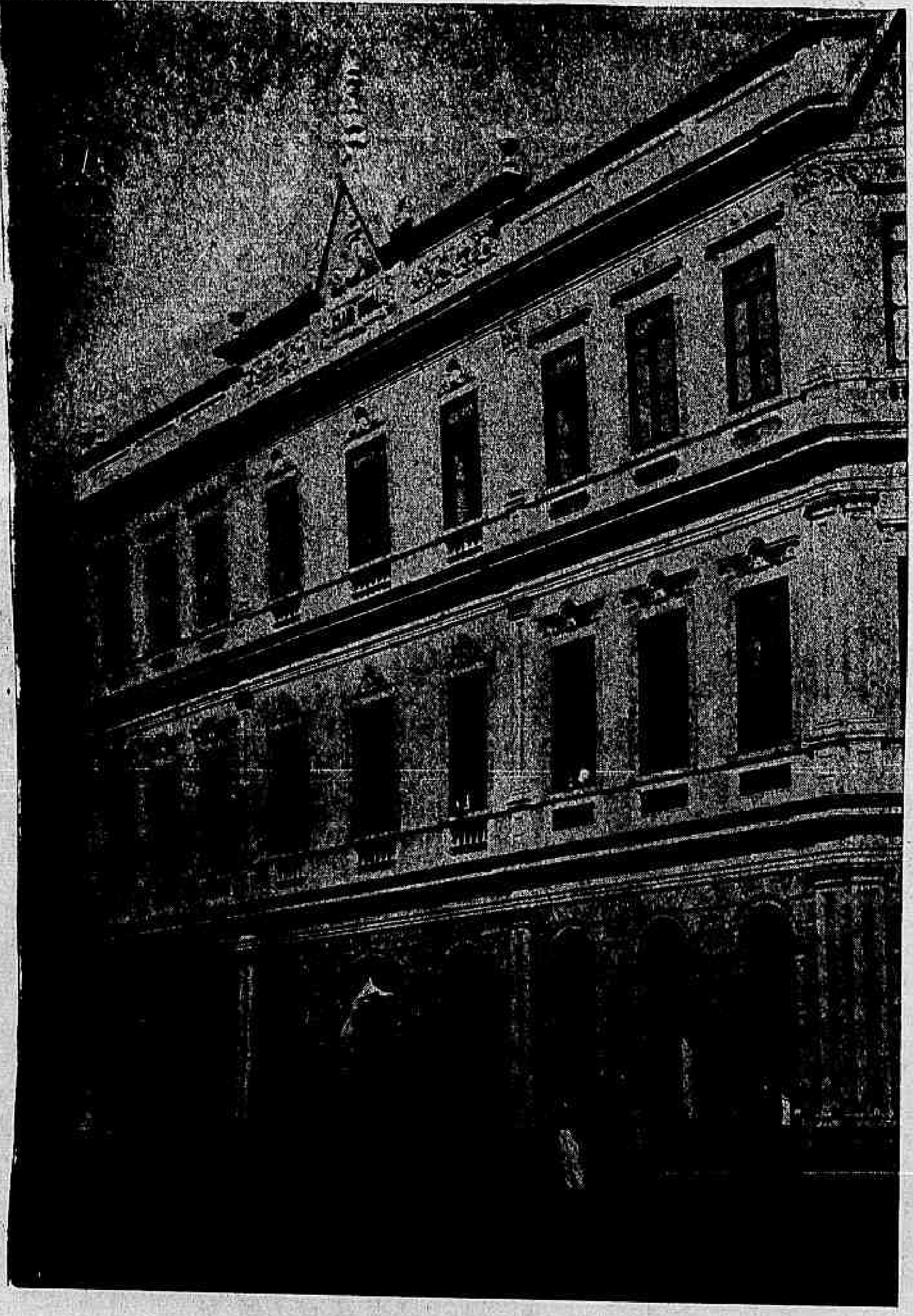
As duas irmãs mais velhas ficaram furiosas de inveja; mas fingiram-se muito satisfeitas, muito alegres. No dia seguinte, bem cedinho, disseram que desejavam arrumar e enfeitar o quarto e a cama dos noivos.

Assim se fez. Ellas incumbiram-se de preparar tudo. A cama estava bellissima, com travesseiros de rendas finas. Por cima da cólcha haviam espalhado pétalas de rosas. Fazia gosto vêr-se tudo aquillo, limpinho, garrído, cheio de flôres.

A festa do casamento correo muito bem. Mas, quando, á noite, o principe foi deitar-se deu um grito horrivel. Uma das moças tinha enchido o lado em que elle devia ficar de pequenos caquinhos de vidro, tão finos, tão agudos, que immediatamente lhe penetraram nas carnes, ferindo o todo, de um modo pavoroso. O sangue começou a correr. Com voz fraca, quasi a morrer, elle pediu á noiva que lhe trouxesse o leque de marfim. Ella o levou, ainda aberto, mas o Principe apressou-se em fechal-o e immediatamente desappareceu. Ficou apenas a moça, no quarto vasio, com a cama toda ensanguentada.

Na manhã seguinte as irmãs fingiram-se muito admiradas, dizendo que só podiam attribuir o facto á circumstancia de terem quebrado algum vidro, sem darem por isso. Nada, porém, podia consolar a moça. Dia e noite vivia, ou chorando, ou acabrunhada, triste, fechada nos seus aposentos.

Certa vez — já se tinham passado muitos mezes — ella leu a noticia de que o Principe Sabúr continuava muito doente e pouco mais podia durar.



Club Naval. — A fachada (lado do mar)

Resolveu então, para vêl-o ainda uma vez, disfarçar-se em homem e ir offerecer-se como criado do palacio. Nada disse ao pae e ás irmãs.

De manhansinha muito cedo, sahio de casa e tomou a direcção das terras onde reinava o pae do Principe Sabur. Tinha de atravessar durante tres dias e tres noites uma extensa matta virgem. No terceiro dia, ao accordar, ouvio dois passaros que conversavam. Sentada no chão, junto de annoso tronco, quem a visse com as suas vestes masculinas e as suas longas barbas postiças, cuidaria estar vendo um homem robusto e forte. Deus sabe, entretanto, como estava o pobre coração!

Um dos passarinhos, que estava em uma arvore cheia de grandes espinhos, dizia ao outro que ia mudar d'alli o seu ninho:

— Esta arvore, com os seus espinhos, é muito incommoda. Ainda hontem um dos meus filhotes, cahio do ninho e ferio-se.

A outra respondeu:

— Vê tu como são as cousas! Ao passo que esses espinhos te incommodam, bastaria pegar num d'elles, fervêl-o em um pouco de agua e dar a bebida ao Principe Sabur para elle sarar de todo!

E continuaram a conversar. A moça, que ouvira aquillo, cortou vários espinhos, guardou-os e levou-os comsigo. A' noite, chegou ao palacio.

Sabur estava quasi á morte. Todas as pessoas, achavam-se como loucas de dôr, porque elle era, de facto, muito estimado. A moça, sempre vestida de homem e com grandes barbas postiças, offereceu-se para criado. Ninguem a attendeu. O porteiro quando vio aquelle sujeito, disse-lhe apenas que se fosse embora. Então ella pedio fossem dizer ao rei, que alli estava uma pessoa capaz de salvar o principe. Todos ficaram assombrados. Alguns, porém, julgaram que não passasse de pretexto a que o criado recorria para ser admittido. Apezar de tudo, como elle se propunha a curar o enfermo, trataram de ir levar a noticia.

O rei veio logo. Veio, olhou para o criado e disse-lhe:

— Se tu salvares meu filho, dou-te o que me pedires, seja o que fôr. Se, porém, errares, mando matar-te. Queres assim?

— Quero! — respondeu o estranho.

Immediatamente elle foi introduzido no quarto do principe que estava á morte. Mais alguns instantes e tudo seria inutil. Rapido, o novo criado tirou um dos espinhos, pôl-o dentro de uma panella de agua fervendo, deixou cozinhar por cinco minutos e, esfriando depressa uma chicara do cosimento, deu-a ao doente.

Todos cercavam o leito, pallidos de emoção. Foi, porém, um momento. De subito, todos os pedacinhos de vidro que estavam no corpo do principe, atravessaram a pelle e sahiram. Voltou-lhe a côr ás faces, a saude, a alegria: sentou-se logo no leito, sorrindo.

Havia um espanto geral. A noticia correu promptamente. O povo que estava triste, reunido em torno do palacio, esperando a noticia da morte do moço, prorompeu em vivas e gritos de contentamento. Então, o rei voltou-se para o criado e na presença de toda a côrte, disse-lhe solemnemente:

— Prometti que te faria o que me pedisses, fosse o que fosse. Cumprirei minha palavra. Pede e serás servido.

— Senhor, disse o criado, eu tenho uma filha. Quero que o principe se case com ella.

— Casar-se-ha, respondeu o o rei.

Sabur, ao ouvir o pedido, tinha ficado horrivelmente pallido. Depois de alguns instantes em que nem póde fallar, voltou-se para o pae e objectou:

— Isso, não, meu pae; não posso fazer!

— Pois quê, filho ingrato, tu não me obedeces? Esqueces que a este homem deves a vida e que eu prometti o que elle pedisse?

Sabur meneava a cabeça chorando e murmurando: «Não posso! Não posso!»

O criado parecia muito irritado. O rei perguntou-lhe, se acceitava outra cousa. Elle disse que não. Por uma ultima vez, o rei indagou do filho qual era o motivo da sua recusa. Foi então que Sabur contou a historia do seu casamento, que ninguem conhecia. Concluio, dizendo:

— Não posso casar-me de novo. Não só minha mulher está viva, como eu não seria capaz de esquecel-a: amo-a loucamente.

O falso criado, ouvindo isso, arrancou as barbas postiças e appareceu o rosto da moça. O principe teve um momento de assombro. Quando, porém, a reconheceu, estendeu-lhe os braços e toda a côrte admirada soube que era ella a esposa de Sabur.

Fez-se então uma grande festa. Eu, que lhes conto esta historia, lá estive. Ia enchendo os bolsos de doces, para lhes trazer, quando um criado me tirou da mesa e me expulsou do palacio.

Vejam lá, depois disto, se não me agradecem...

(Illustrações de Raul.)

A semana nos theatros

Sant'Anna. — No Sant'Anna, onde actualmente trabalha a excellente *troupe* de Lucinda e Lucilia Simões a semana foi toda cheia com a sempre nova e esplendida comedia de Pailleron — *A sociedade onde a gente se aborrece.*

Lucinda. — *Os velhos* de D. João da Camara. A' sexta-feira, teve logar a primeira representação da *Terra de Vera-Cruz* de Julio Dantas.

Recreio — *A filha do inferno*, arranjo de E. Garrido.

Apollo — No Apollo estreou na quinta-feira a Companhia Taveira com a *Ave do Paraiso.*

Jardim da Guarda Velha — Funcções diarias em que tomam parte Flavy d'Orange, Jeanne Cayot, Lili, de Lydia e o artista Ceballos.

Alcazar Parque — Representações diarias e applaudidissimas. Jenny Cook, Placida Santos, Concha, Esther, Geraldo de Magalhães e Conti tornam o Alcazar um dos pontos preferidos pela... *sociedade onde a gente se diverte.*

Club Naval. — A sala de visitas

DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

Inventoras. — O numero de mulheres que, nos Estados-Unidos, sollicitam patentes de invenção, vai todos os annos crescendo.

O *Patent Record* faz notar que as invenções femininas são quasi sempre remuneradoras e praticas. Em geral, as inventoras sahem da classe das que receberam uma instrucção média ou limitada, mas que entraram cedo para o serviço de qualquer industria. D'ahi a circumstancia dos Estados onde a exploração industrial é mais prospera, serem os mais abundantes em inventoras.

A mais antiga patente concedida na União Norte-Americana foi obtida em 1809 por uma Maria Kies, que descobrio um processo para tecer palha conjunctamente com lã ou seda.

A rotação de Venus. — Que tempo leva o planeta Venus para dar uma volta completa em torno do seu eixo? Quanto, por conseguinte, duram os dias por lá? — A questão era, até pouco tempo, discutida.

Os astronomos antigos acreditavam que nelle, como no nosso mundo, os dias eram de 24 horas. Observações feitas na Italia tenderam, porém, ultimamente, a modificar essa opinião. Astronomos levianos e desalmados andaram affirmando que o formoso astro das alvoradas e crepusculos gastava 225 dos nossos dias a gyrar em torno do seu eixo. Levianos, communicaram ás pressas calculos mal feitos. Desalmados, não tiveram a menor pena de fazerem constar que, por esse modo, levando o mesmo tempo para fazer uma rotação completa em volta do sol e do seu eixo, aconteceria que Venus apresentaria sempre o mesmo lado á luz solar. Teria assim uma face calcinada, esteril á força de tanta luz, seccando-a implacavelmente e outra face sempre em sombra, esteril tambem, estranha ao brilho, á vida, á luz...

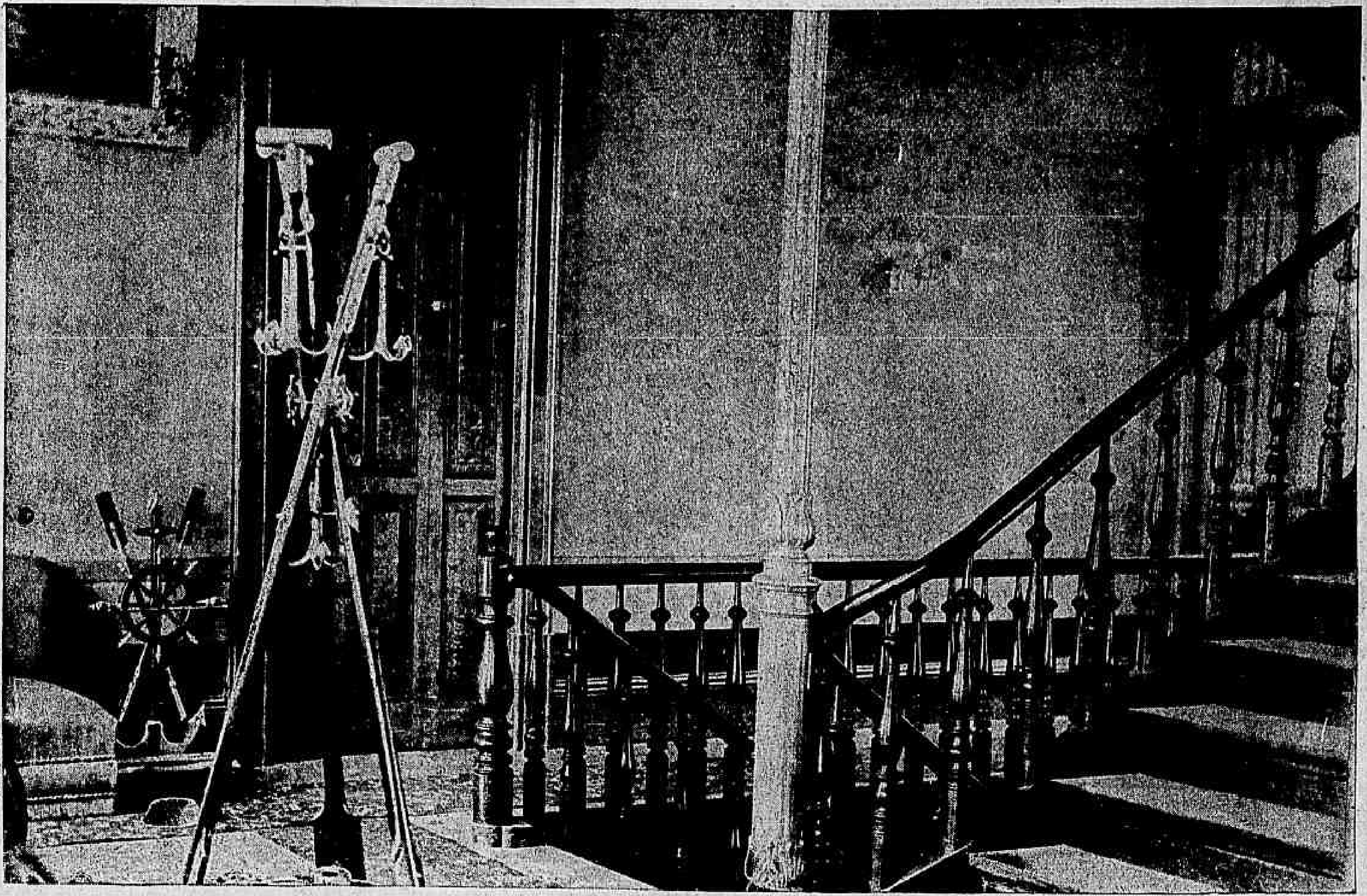
Felizmente, um astronomo de Pulkowa pôde observar que os antigos é que tinham razão. Venus não é um deserto, queimado pelo sol de um lado, gelado pelo frio eterno de outro. Seus dias e suas noites têm a duração dos nossos. Ainda bem!

A desinfecção da agua. — Na quadra epidemica que estamos atravessando é curioso saber o que pensam os entendidos sobre o melhor meio de desinfectar a agua. Em artigo recentemente publicado na *Nature* pelo Sr. Edmond Bonjean, elle analysa o que valem os diversos processos de filtração e conclue que pouco adiantam. O melhor, o mais rapido e mais redical é a fervura.

Ha, porém, quem não goste, allegando que assim o liquido fica pesado, turvo e até indigesto. As allegações só são verdadeiras no que dizem respeito á falta de limpidez. Effectivamente, ás vezes, isso occorre com certas aguas muito carregadas de saes calcareos. Bastará então, para essas, filtral-as, depois de fervidas, em qualquer filtro dos mais simples.

O sol e a vegetação. — Para que se veja como é forte a acção vivificadora do sol sobre a terra, basta ler as seguintes experiencias de um agronomo inglez. Depois de haver plantado de feijões um campo, cuja terra se achava em condições bem iguaes de humidade e estrumagem, dividio-o em duas partes. Uma foi coberta, de modo a interceptar absolutamente a luz do sol, a outra deixada a céo livre. O resultado foi que a colheita da primeira não passou de 29 kilos, ao passo que a da segunda elevava-se a 99. No anno seguinte, tendo estado todo o campo inteiramente livre, ainda assim, a parte que estivéra anteriormente coberta produzio apenas metade do que deu a outra. No terceiro anno baixou ainda. No quarto as plantas tiveram apenas força para abrir-se em flores, mas perfeitamente estéreis.

Deste modo a simples privação de luz por um anno, teve uma influencia tão profunda que esterilisou o solo durante longos annos subsequentes!



Club Naval. — O vestibulo

Club Naval. — Salão nobre

Officinas da Revista da Semana, Lavradio, 150.
Rio de Janeiro

ANNUNCIOS

COMPANHIA DE

LOTERIAS NACIONAES DO BRAZIL

Séde: CAPITAL FEDERAL

29 e 29 A Rua Nova do Ouvidor 29 e 29 A

CAIXA DO CORREIO N. 41

Endereço telegraphico: LOTERIAS

GRANDE LOTERIA

da

Capital Federal

X — 26.ª

EXTRACÇÃO INTRANSFERIVEL

Sabbado, 23 do corrente

ÁS 3 HORAS DA TARDE

200:000$000

Em bilhetes inteiros
a 16$000
e em vigesimos
a 800 réis.

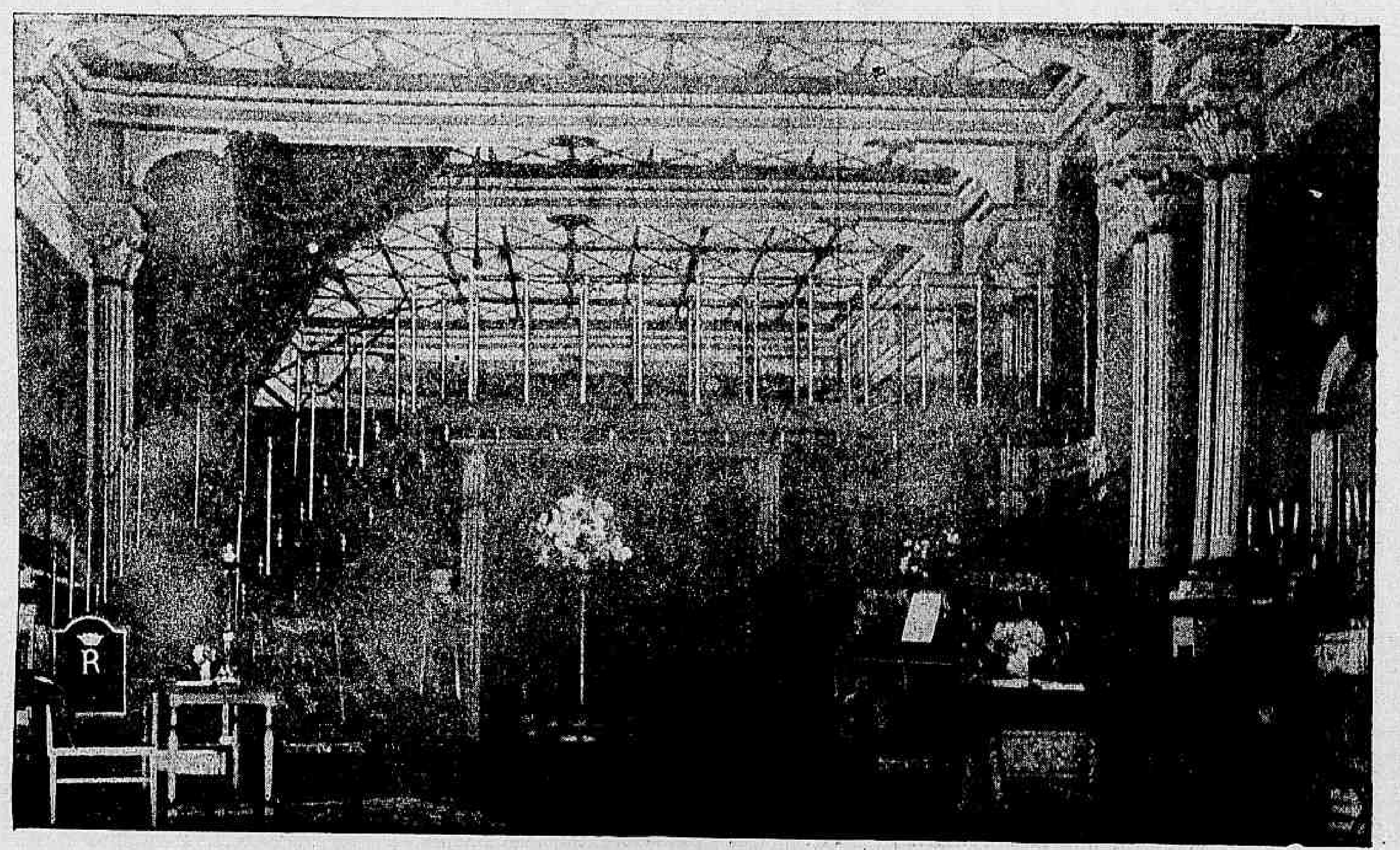
Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de **Camões & C.**, becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correio n. 946 e **Luiz Velloso & C.**, rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do Correio n. 817.

Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando a maior clareza nas direcções e só recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados das loterias da **CAPITAL FEDERAL.** Aceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.

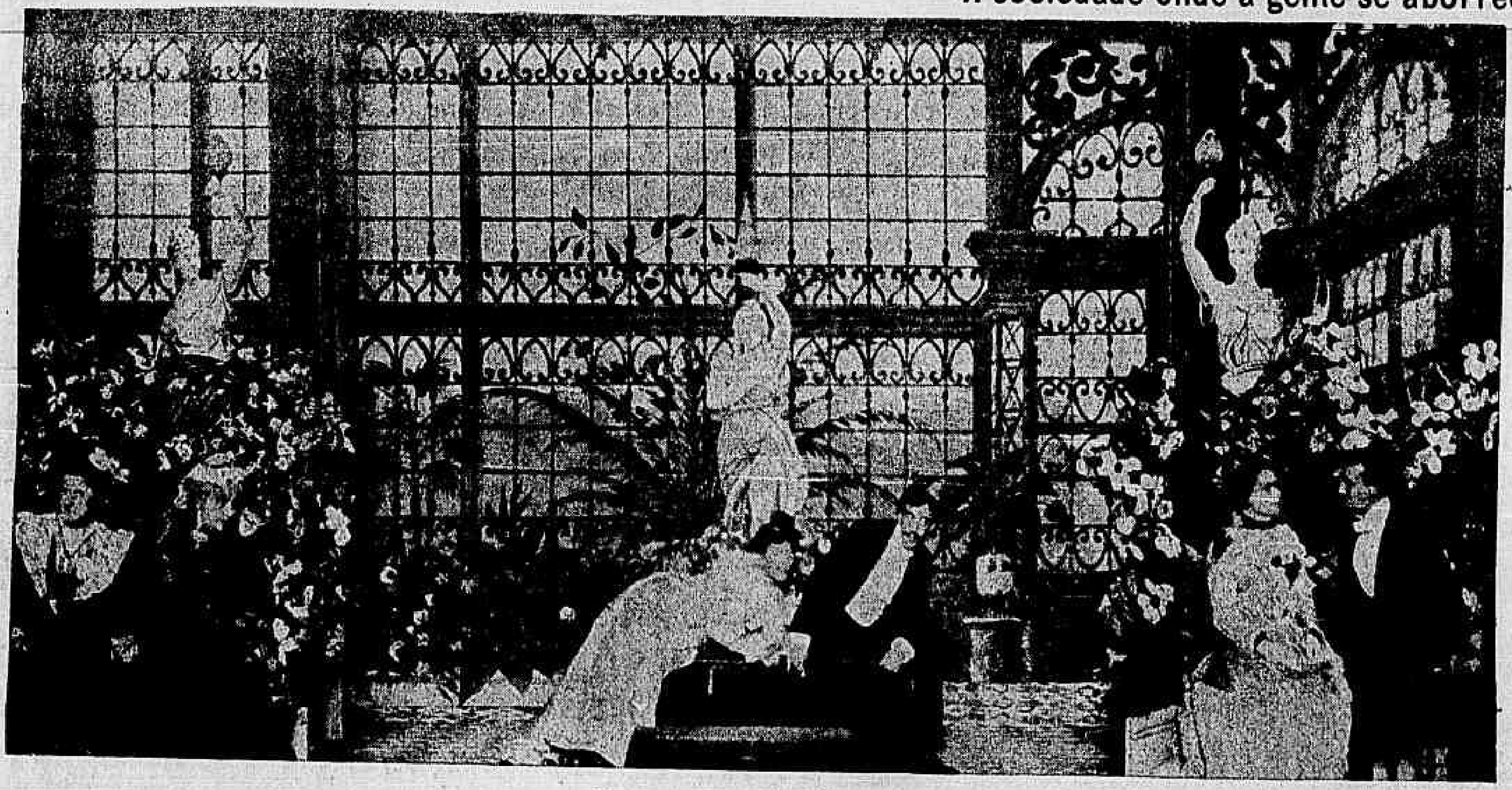
THEATRO SANT'ANNA

COMPANHIA LUCINDA SIMÕES E CHRISTIANO DE SOUZA

Lucinda Simões



A sociedade onde a gente se aborrece (Scenario do 1º acto)



Uma scena do 2º acto

Lucilia Simões

Christiano de Souza

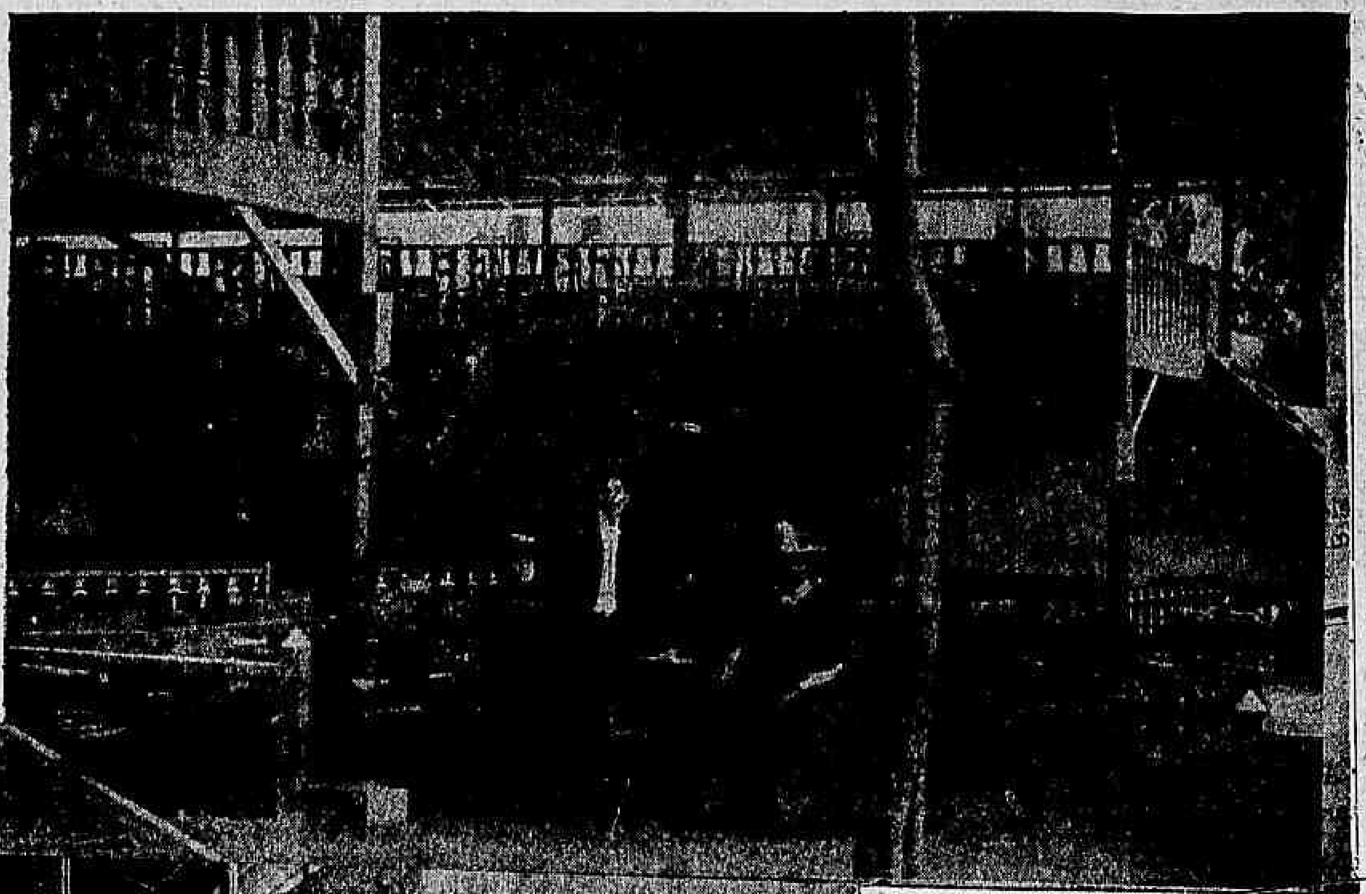
Scena final da **Sociedade onde a gente se aborrece**

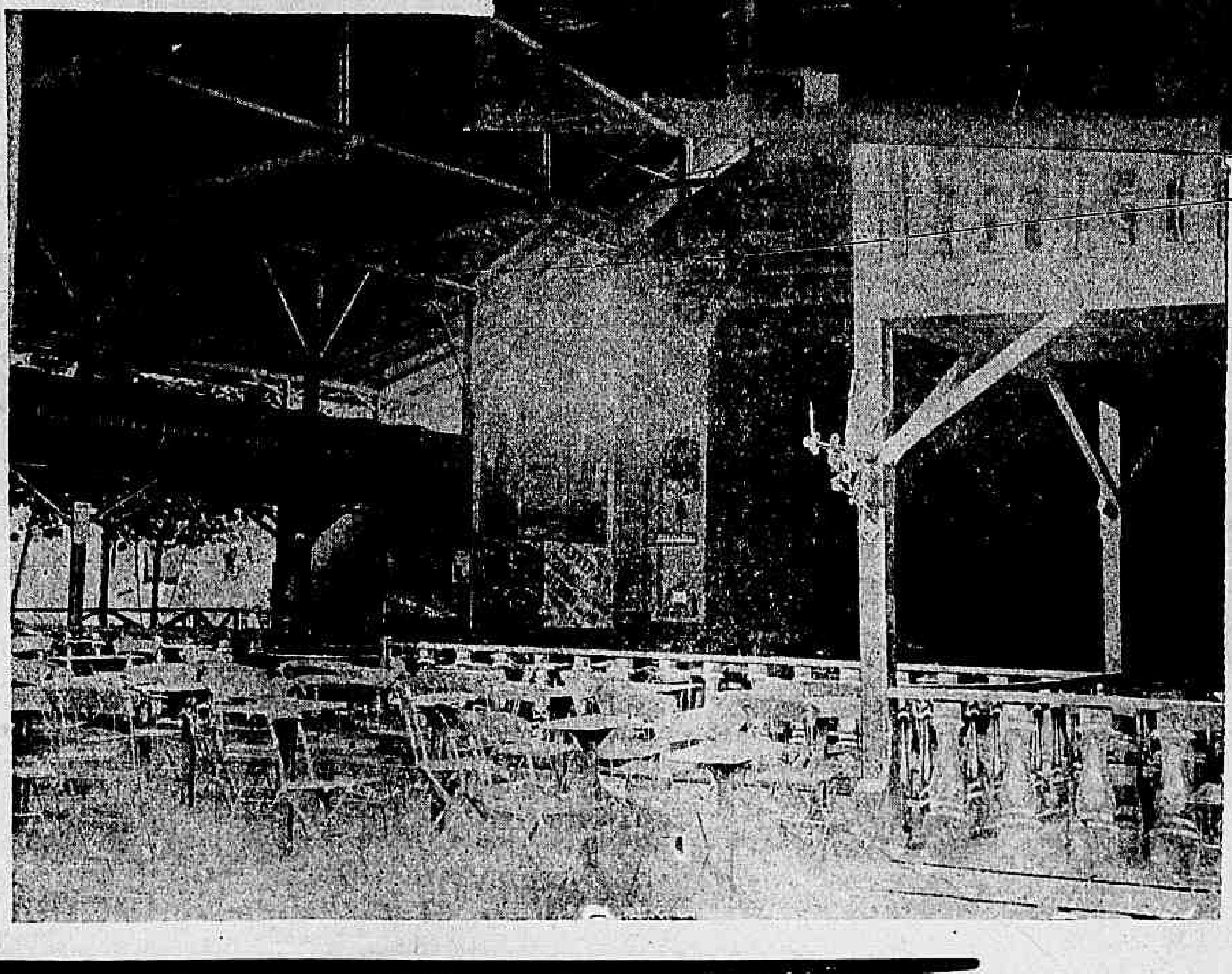
ULTIMO SUCCESSO THEATRAL

A SOCIEDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

ALCAZAR PARQUE

RUA THEOTONIO REGADAS 17





Todas as noites, ás 8 1|2 Cançonetas, bailes e scenas comicas Todas as noites, ás 8 1|2

SALÕES RESERVADOS SOUPÉS E LUNCHS

CONSUMAÇÕES DE PRIMEIRA QUALIDADE

PIADAS
AFUROS DA SOBERANIA NACIONAL
O dono do armazem de molhados manda dizer que não fia emquanto o Dr. não fôr liquido...
XYPHOPAGOS
Vejam a photographia
De um xiphopagismo novo:
-A Rosalina-Zé-Povo.
A Quebradeira-Maria...
mãe aquella estatua tem corda?
não dizem que o Pero Vaz caminha?
-Então, menina, eu não mereço um lugarsinho no seu coração?
FEMINISMO
-Isto de um barbudo servir de ama, e sêca...
Oh! O nephelibatismo, minha Sua, não se póde conceber... tão claro...
SE_VERISSIMO
ATA OU DESATA?
Qual serum Yersin, qual vaccina de Terni, qual carapuça! - O Casuza depois de tanta vaccina foi morrer debaixo de um bond, coitadinho...
NOSSOS HOTEIS
-Estou quasi a comer camarões; para segurança, traga tambem algum desinfectante...
A ARTE MODERNA.
Um delirio de lyrios...
RAUL